

ADAM ZAMOYSKI

# NAPOLEÃO

O HOMEM POR TRÁS DO MITO

CRÍTICA

*Tradução*

Rogério Galindo

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Adam Zamoyski, 2018  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020  
Todos os direitos reservados.

Título original: *Napoleon: The Man Behind the Myth*

*Coordenação editorial:* Sandra Espilotro

*Preparação:* Tiago Ferro

*Revisão:* Carmen T. S. Costa, Ana Barbosa

*Diagramação:* A2

*Pesquisa iconográfica:* Andrea Jocys

*Capa:* Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil

*Imagem de capa:* Jacques-Louis David / Wikimedia Commons

*Imagens de guarda:* Giuseppe Longhi e Antoine-Jean Gros / Rijksmuseum;  
Alphonse François e Paul Delaroche / Rijksmuseum

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Zamoyski, Adam

Napoleão: O homem por trás do mito / Adam Zamoyski;  
tradução de Rogerio Galindo – São Paulo: Planeta, 2020.  
784 p.

ISBN 978-65-5535-154-5

Título original: *Napoleon: The Man Behind the Myth*

1. Napoleão I, Imperador dos franceses, 1769-1821 - Biografia

2. Guerras napoleônicas, 1800-1815 3. França - História I.

Título. Galindo, Rogerio

20-2711

CDD 944.05092

Índices para catálogo sistemático:

I. Napoleão I, Imperador dos franceses, 1769-1821

2020

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação  
01415-002 – São Paulo-SP  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

# Sumário

Prefácio .....	15
1. Um messias relutante .....	21
2. Sonhos insulares .....	29
3. Soldado menino .....	41
4. Liberdade .....	53
5. Córsega .....	63
6. França ou Córsega .....	75
7. O jacobino .....	85
8. Amores juvenis .....	97
9. General Vindemiário .....	115
10. Itália .....	129
11. Lodi .....	143
12. Vitória e lenda .....	159
13. Senhor da Itália .....	179
14. Promessa oriental .....	195
15. Egito .....	209
16. Praga .....	223
17. O salvador .....	235
18. Neblina .....	251
19. O cônsul .....	263
20. Consolidação .....	279
21. Marengo .....	297
22. César .....	311

23. Paz . . . . .	327
24. O libertador da Europa. . . . .	343
25. Sua Majestade consular. . . . .	359
26. Rumo ao Império . . . . .	371
27. Napoleão I . . . . .	385
28. Austerlitz . . . . .	403
29. O imperador do Ocidente . . . . .	419
30. Senhor da Europa. . . . .	433
31. O Imperador Sol . . . . .	451
32. O imperador do Oriente . . . . .	469
33. O custo do poder . . . . .	487
34. Apoteose. . . . .	505
35. Apogeu. . . . .	519
36. O poder cega . . . . .	537
37. O Rubicão . . . . .	549
38. Nêmesis . . . . .	565
39. Vitórias vazias. . . . .	583
40. Última chance . . . . .	599
41. O leão ferido . . . . .	615
42. Rejeição . . . . .	631
43. O fora da lei . . . . .	647
44. Uma coroa de espinhos. . . . .	667
Notas . . . . .	687
Bibliografia. . . . .	713
Índice. . . . .	741

# Mapas

Europa em 1792 . . . . .	12-3
Toulon . . . . .	90
O teatro italiano . . . . .	98
Montenotte . . . . .	135
Lodi . . . . .	144
A perseguição . . . . .	153
Castiglione . . . . .	160
Würmser derrotado . . . . .	162
Arcole . . . . .	167
Rivoli . . . . .	172
A marcha sobre Viena . . . . .	175
O acordo de Campo Formio . . . . .	192
Egito . . . . .	212
Europa em 1800 . . . . .	282-3
Marengo . . . . .	305
Ulm . . . . .	410
Austerlitz . . . . .	415
As campanhas de 1806-7 . . . . .	435
Europa em 1808 . . . . .	456-7
Aspern-Essling . . . . .	484
Wagram . . . . .	488
Europa em 1812 . . . . .	534-5
A invasão da Rússia . . . . .	554
Borodino . . . . .	561
O Berezina . . . . .	577
A campanha na Saxônia, 1813 . . . . .	596
A defesa da França em 1814 . . . . .	619
A campanha de Waterloo . . . . .	659

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

pela humanidade”. Mas era a sua modéstia, o fato de ele parecer “se desculpar por sua própria glória”, seu gosto excepcional pela simplicidade, digno dos heróis da Antiguidade clássica, seu amor pelas ciências abstratas, sua paixão literária por “aquele sublime *Ossian*” e “seu profundo desprezo pelo exibicionismo, pelo luxo, pela ostentação, por essas ambições desprezíveis das almas comuns” que eram realmente impressionantes, na verdade alarmantes: “Ah! Longe de temer aquilo que alguns chamariam de sua ambição, eu sinto que um dia nós teremos que implorar a ele que desista do conforto de um retiro dedicado aos estudos”. As incontáveis virtudes cívicas do general eram quase um fardo para ele: “Toda a França será livre: talvez ele nunca venha a ser, esse é seu destino”.<sup>9</sup>

Quando o ministro havia terminado, a vítima do destino apresentou a cópia ratificada do tratado de paz aos diretores, e depois se dirigiu à assembleia “com uma espécie de fingida indiferença, como se estivesse tentando insinuar que não sentia grandes amores pelo regime ao qual servia”, segundo as palavras de um observador. De acordo com outro, ele falou “como um homem que sabe de seu valor”.<sup>10</sup>

Em umas poucas frases entrecortadas, pronunciadas com um sotaque estrangeiro atroz, atribuiu suas vitórias à nação francesa, que por meio da Revolução havia abolido dezoito séculos de intolerância e tirania, estabelecido um governo representativo e despertado as duas outras nações da Europa, os alemães e os italianos, permitindo que eles aderissem ao “espírito da liberdade”. Concluiu, de maneira um tanto brusca, que a Europa inteira estaria livre e em paz “quando a felicidade do povo francês estiver baseada nas melhores leis orgânicas”.<sup>11</sup>

A resposta do Diretório a essa afirmação dúbia foi dada pelo seu presidente, Paul François Barras, um homem de 42 anos saído da pequena nobreza da Provença com uma bela figura e aquilo que um contemporâneo descreveu como a arrogância de um mestre da esgrima. Começou com a glorificação usual cheia de floreios à “sublime Revolução da nação francesa” antes de passar para um elogio diáfano do “pacificador do continente”, que comparou a Sócrates e que exaltou como libertador dos povos da Itália. O general Bonaparte havia rivalizado com César, mas, ao contrário de outros generais vitoriosos, ele era um homem de paz: “Assim que ouviu falar de uma proposta de paz, você fez parar o seu triunfante progresso, baixou a espada com que a pátria havia armado seu braço e preferiu aceitar o ramo de oliveira da paz!”.

Bonaparte era a prova viva de que “é possível desistir de ir atrás da vitória sem abrir mão da grandeza”.<sup>12</sup>

O discurso passou para uma diatribe contra aqueles “vis cartagineses” (os britânicos) que eram o último obstáculo ainda de pé contra uma paz generalizada que a nova Roma (a França) lutava para dar ao continente. Barras concluiu exortando o general, “o libertador a quem a humanidade indignada apela em seus lamentos” para que liderasse um exército na travessia do Canal, cujas águas sentiriam orgulho de carregá-lo, assim como a seus homens: “Assim que o estandarte tricolor for desfraldado em suas praias ensanguentadas, um grito unânime de bênção saudará sua presença; e, vendo a aurora da felicidade que se aproxima, aquela generosa nação vai saudar a vocês como libertadores que vêm não para lutar e escravizar, e sim para pôr fim a seus sofrimentos”.<sup>13</sup>

Barras então deu um passo à frente com os braços estendidos e em nome da nação francesa abraçou o general “num enlace fraterno”. Os demais diretores fizeram o mesmo, seguidos pelos ministros e outros dignitários, depois do que o general teve permissão para descer do altar da pátria e tomar seu assento. O coro entoou um hino à paz escrito para a ocasião pelo bardo revolucionário Marie-Joseph Chénier, musicado por Étienne Méhul.

O ministro da Guerra, general Barthélémy Scherer, um veterano de várias campanhas que à época tinha 49 anos, apresentou então ao Diretório dois dos assistentes de Bonaparte que traziam um imenso estandarte branco em que os triunfos do Exército da Itália estavam bordados com fio de ouro. Entre eles estavam: a captura de 150 mil prisioneiros, 170 estandartes e mais de mil peças de artilharia, assim como cerca de cinquenta embarcações; a conclusão de diversos armistícios e tratados com vários estados italianos; a libertação dos povos da maior parte da Itália; e a aquisição para a França de obras-primas de Michelângelo, Guercino, Ticiano, Veronese, Correggio, Caracci, Rafael, Leonardo e de outros artistas. Scherer elogiou os soldados do Exército da Itália e particularmente seu comandante, que havia “combinado a audácia de Aquiles e a sabedoria de Nestor”.<sup>14</sup>

As armas soaram no momento em que Barras recebia o estandarte das mãos dos dois oficiais, e, em outro discurso interminável, ele voltou a seu tema antibritânico. “Que o palácio de St. James vá à ruína! É o que a pátria exige, o que a humanidade pede, o que a vingança determina.” Tendo os dois guerreiros recebido o “enlace fraterno” dos diretores e ministros, a cerimônia

se encerrou com uma interpretação do vibrante hino de guerra revolucionário “Le Chant du Départ”, depois do que os diretores saíram assim como haviam entrado, e Bonaparte foi embora, aplaudido por uma multidão que estava reunida do lado de fora, imensamente aliviado por tudo ter terminado.<sup>15</sup>

Apesar da aparente indiferença, ele esteve pisando em ovos o tempo todo. O Diretório não tinha visto a paz com bons olhos. A guerra pagava o soldo do Exército e melhorava as finanças, e as vitórias serviam como contraponto para as críticas aos problemas domésticos. Mais importante, a guerra mantinha o Exército ocupado e os generais ambiciosos longe de Paris. Essa paz tinha sido pactuada por Bonaparte, em absoluto desprezo pelas instruções do Diretório, e não era segredo que os diretores ficaram furiosos ao receber o esboço do tratado. Poucos dias antes de recebê-lo, haviam nomeado Bonaparte como comandante do Exército da Inglaterra, não por acreditarem na possibilidade de uma invasão bem-sucedida, mas para mantê-lo longe de Paris e comprometido com uma tarefa que certamente iria minar sua reputação. A principal preocupação deles agora era tirar Bonaparte de Paris, onde ele era um foco natural para os inimigos deles.<sup>16</sup>

O evento do dia tinha sido uma exibição cheia de carga política em que, nas palavras do secretário de Bonaparte: “Todos interpretaram da melhor maneira que puderam essa cena extraída de uma comédia sentimental”. Mas era uma cena perigosa; de acordo com um observador bem informado: “Foi uma daquelas ocasiões em que uma palavra imprudente, um gesto deslocado podem decidir o futuro de um grande homem”. Como ressaltou Sandoz-Rollin, Paris podia facilmente ter se transformado no túmulo do general.<sup>17</sup>

O herói do dia sabia muito bem disso. A cerimônia foi seguida de um show de luzes “digno da majestade do povo” e de um banquete em homenagem a Bonaparte oferecido pelo ministro do Interior, ao longo do qual foram feitos nada menos que doze brindes, cada um deles seguido por uma salva de três tiros e de uma explosão de canto da parte do coro do Conservatório. Protegido de perto por seus assistentes, o general não tocou num só bocado de comida nem bebeu nada, por medo de envenenamento.<sup>18</sup>

Não eram só os membros do Diretório que lhe queriam mal. Os monarquistas que desejavam um retorno do reinado dos Bourbon odiavam-no por ser um implacável defensor da República. Os revolucionários extremistas, os jacobinos que haviam sido derrubados do poder, temiam que ele pudesse estar conspirando pela volta da monarquia. Denunciaram o tratado assinado

por ele como sendo “uma abominável traição” dos valores da República e se referiam a ele como um “pequeno César” prestes a dar um golpe e se aposar do poder.<sup>19</sup>

Essas ideias não passavam longe da mente do general. Mas ele escondia pensamentos desse gênero enquanto avaliava as possibilidades, desempenhando à perfeição o papel de um Cincinato moderno. Ele recusou a oferta do Diretório de colocar uma guarda de honra do lado de fora de sua porta, evitou eventos públicos e manteve certa discrição, usando roupas civis ao sair. “O comportamento dele continua a incomodar todos os cálculos extravagantes e a adulação pérfida de certas pessoas”, relatou o *Journal des hommes libres*, que aprovava os modos do general. Sandoz-Rollin garantiu a seus mestres em Berlim que não havia nada que pudesse levar alguém a suspeitar que Bonaparte pretendesse tomar o poder. “A saúde desse general é frágil, seu peito está em péssimas condições”, escreveu, “o gosto dele por literatura e filosofia e sua necessidade de descansar, assim como de silenciar os invejosos, irá levá-lo a viver uma vida tranquila entre amigos...”<sup>20</sup>

Um homem não se deixou enganar. Apesar de todo seu cinismo, Talleyrand estava impressionado e percebeu estar diante de alguém poderoso. “Que homem esse Bonaparte!”, havia escrito a um amigo poucas semanas antes. “Ainda não completou seu vigésimo oitavo ano e está coroado de todas as glórias. Tanto as da guerra quanto as da paz, as da moderação, as da generosidade. Ele tem tudo.”<sup>21</sup>

## Sonhos insulares

O homem que tinha tudo nasceu numa família pouco relevante em um dos lugares mais pobres da Europa, a ilha de Córsega. Era também um dos lugares mais idiossincráticos, jamais tendo sido uma unidade política independente e ao mesmo tempo nunca tendo sido exatamente uma província ou colônia de outro Estado. A Córsega sempre foi um mundo à parte.

No final da Idade Média, a República de Gênova estabeleceu bases nos portos de Bastia na costa nordeste e Ajácio no sudoeste para proteger e tornar exclusivas suas rotas marítimas. Esses lugares foram guarnecidos com militares, na maior parte nobres empobrecidos do território continental da Itália e que gradualmente estenderam seu domínio para o interior da ilha. Mas o interior montanhoso tinha pouco interesse econômico, e, embora entrassem nele para debelar rebeliões e cobrar impostos, os genoveses chegaram à conclusão que era impossível controlar seus habitantes selvagens e em grande medida deixaram a região de lado, não se importando nem mesmo em mapeá-la.

As populações nativas preservaram seus costumes tradicionais, a subsistir com uma dieta de castanhas (que servem de base até mesmo para o pão local), queijo, cebolas, frutas e ocasionalmente carne de cabra ou porco, acompanhada por vinho local. Eles se vestiam com tecidos caseiros simples marrons e falavam seu próprio dialeto italiano. Viviam em constante conflito com os habitantes das cidades portuárias em função de questões como direitos de pastagem. Moradores da costa se consideravam superiores e se casavam entre si ou com gente do continente, embora com o tempo não tivessem como evitar ser absorvidos pelo interior e seus costumes.

Era uma sociedade pré-feudal. A maioria possuía pelo menos um pedaço de terra, e, embora umas poucas famílias aspirassem à nobreza, as diferenças de riqueza não eram grandes. Mesmo as famílias mais pobres tinham um senso de orgulho, de sua dignidade e do valor de seu “lar”. Também era

fundamentalmente uma sociedade pagã, com o cristianismo tendo se difundido como uma camada fina, ainda que tenaz, sobre um caldeirão de antigos mitos e atavismos. Uma profunda crença no destino superava a visão cristã da salvação.

Como era difícil encontrar moeda circulante, a maior parte das necessidades da vida era obtida por meio de escambo. O resultado era uma complexa teia de favores concedidos e esperados, de direitos estabelecidos ou reivindicados, acordos, muitas vezes tácitos, e uma plethora de disputas judiciais. Qualquer movimento violento podia provocar uma *vendetta* da qual era quase impossível escapar, já que nada podia ser mantido em sigilo por muito tempo num espaço tão restrito. A escassez de terras significava que a propriedade era dividida e subdividida, negociada e cheia de cláusulas complicadas que regulavam os direitos de reversão. A propriedade também era o principal motivo para o casamento. E também foi assim no caso do pai do general Bonaparte, Carlo Maria Buonaparte.

Quando seu filho chegou ao poder, genealogistas, sicofantas e caçadores de fortunas começaram a traçar sua ascendência e apresentaram diversos pedigrees, que o ligavam a imperadores romanos, reis guelfos e até mesmo ao Homem da Máscara de Ferro. O único fato incontestável relativo a seus ancestrais é que ele descendia de um certo Gabriele Buonaparte, que, no século XVI, era o proprietário da mais imponente mansão de Ajácio, composta de dois quartos e uma cozinha sobre uma loja e um depósito, e um pequeno jardim com uma amoreira.

De onde Gabriele veio ainda permanece como algo incerto. A filiação mais provável é a que o liga à pequena nobreza de uma cidadezinha chamada Sarzana na fronteira entre a Toscana e a Ligúria, que teve entre seus membros gente que trabalhou para os genoveses e que foi enviada à Córsega. Exames de DNA recentes mostraram que os Buonaparte da Córsega pertenciam ao grupo populacional E, que é encontrado principalmente no Norte da África, na Sicília e particularmente no Levante. Isso não elimina a possibilidade de uma conexão com a Ligúria, já que pessoas dessas regiões foram parar ao longo das eras no litoral da Itália e da Córsega.<sup>1</sup>

Geronimo, filho de Gabriel, se notabilizou o suficiente para ser enviado como deputado de Ajácio a Gênova em 1572, e adquiriu, por casamento, uma casa na rua principal de Ajácio e um arrendamento de terras baixas perto da cidade conhecida como Salines. Seus descendentes também fizeram bons

casamentos, dentro do círculo de notáveis de Ajácio, mas a necessidade de oferecer dotes para as filhas dividiu a propriedade da família, e Sebastiano Buonaparte, nascido em 1683, teve suas opções reduzidas ao se casar com uma garota de uma vila do planalto chamada Bocognano, aparentemente em nome dos dois pequenos pedaços de terra e das noventa ovelhas que ela trouxe como dote. Ela lhe deu cinco filhos: uma menina, Paola Maria, e quatro meninos: Giuseppe Maria, Napoleone, Sebastiano e Luciano.

A casa da família havia sido dividida pelos dotes, e os sete moravam apinhados nos quarenta metros quadrados que ainda lhes pertenciam. O prédio estava em tão mau estado de conservação que uma comissão militar de aquartelamento o classificou como impróprio, a não ser para as patentes mais baixas. Assim, embora a família ainda fosse considerada parte dos *anziani*, os anciões ou notáveis de Ajácio, o estilo de vida estava longe de ser nobre. Uma pequena propriedade fornecia vegetais e o vinho das parreiras provia o suficiente para a própria família e mais um tanto para vender ou trocar por óleo e farinha, ao passo que os rebanhos produziam carne para consumo ocasional pela própria família e uma pequena renda.

Luciano era o filho mais inteligente e entrou para o sacerdócio. Comprou a parte de outros parentes na casa e instalou uma escada interna no imóvel. Seu sobrinho, Carlo Maria, filho de Giuseppe, nascido em 1746, também começou a reconstruir a fortuna da família, e foram suas ambições sociais que teriam um profundo efeito na história europeia.<sup>2</sup>

A história havia começado a se interessar pela Córsega. A ineficiência corrupta do domínio genovês dera início a uma rebelião em 1729. Ela foi debelada por tropas, mas continuou fermentando no interior. Em 1735, três “generais da nação corsa” convocaram uma assembleia, a *consulta*, na cidade de Corte, no planalto, e proclamaram a independência, atraindo a simpatia de muitas nações europeias. Um dos temas dominantes na literatura do Iluminismo é o do bom selvagem, e a Córsega parecia se encaixar no ideal de uma sociedade que não teria sido estragada pela supostamente corrupta cultura cristã europeia. Em 1736 um barão alemão, Theodor von Neuhoff, chegou à Córsega com armas e ajuda para os rebeldes. Ele se proclamou rei dos corsos e começou a desenvolver a ilha de acordo com os ideais da época. Gênova pediu apoio militar à França, os rebeldes foram obrigados a fugir, e Theodor foi para Londres, onde morreu, tendo declarado falência, em 1756. A visão que teve não morreria com ele.<sup>3</sup>

Em 1755, Pasquale Paoli, filho de um dos três “generais da nação corsa”, voltou do exílio em Nápoles e proclamou a República corsa. Nascido em 1725, Paoli tinha onze anos quando Theodor lhe expôs a visão que tinha para a ilha, e aquilo se tornou uma obsessão para ele durante todo o período de exílio. Autodenominado general da nação, ao longo dos trinta anos seguintes trabalhou na construção de um Estado moderno ideal com uma Constituição, instituições e uma universidade. Seu carisma garantia que tivesse o amor da maioria dos corsos, que trabalhavam por ele com devoção. Ganhou a admiração dos iluministas europeus, tendo Voltaire e Rousseau à frente. O viajante britânico James Boswell o visitou em 1765 e escreveu suas experiências num livro que se transformou num best-seller, o que aumentou ainda mais a sua reputação.<sup>4</sup>

Enquanto Paoli governava a nação corsa da liliputiana Corte no coração da ilha, as cidades litorâneas permaneceram nas mãos dos genoveses, que por duas vezes pediram apoio militar francês para manter o controle da ilha. Os franceses de início se restringiram a proteger as cidades portuárias e seu entorno, mas era improvável que a França fosse admitir a existência de uma república utópica às portas de casa por muito tempo, e corsos sábios mantiveram um pé em cada canoa.

Em 2 de junho de 1764, um ano depois da morte de seu pai, Carlo Buonaparte, de dezoito anos, casou-se com Letizia Ramolino, que tinha apenas quinze anos. Segundo todos os relatos, tratava-se de uma beldade, mas esse não foi o motivo para o casamento, que foi arranjado por Luciano, tio de Carlo. A família Ramolino, descendente de um nobre lombardo que chegara à Córsega séculos antes, tinha uma posição social mais alta do que a dos Buonaparte. Eles também possuíam melhores conexões sociais e eram mais ricos. O dote de Letizia, que consistia em uma casa em Ajácio e alguns cômodos em outra casa, uma vinha e mais ou menos doze hectares de terra, melhorou a posição de Carlo. O casamento não ocorreu na igreja, uma vez que a essência de toda união conjugal corsa era a propriedade, o principal elemento era o contrato, e o costume ditava que se assinasse o documento na casa de uma das partes, depois do que os recém-casados poderiam ou não ter seu casamento abençoado por um padre.<sup>5</sup>

Pouco depois do casamento, o casal se mudou para Corte, onde o tio de Carlo, Napoleone, já tinha se unido a Pasquale Paoli. O casal teve primeiro um filho natimorto e depois uma menina, nascida em 1767, que

morreu pequena. Em 7 de janeiro de 1768, tiveram um filho, batizado Joseph Nabullion. Carlo entrou para a universidade e publicou mais tarde uma dissertação sobre direitos naturais que revela uma familiaridade com o pensamento político de seu tempo.<sup>6</sup>

Paoli morava em uma estrutura sólida feita da mesma pedra cinza-escuro usada em todas as outras casas e pavimentação das ruas de Corte. Importou móveis e tecidos da Itália para criar dentro desse edifício sombrio alguns poucos cômodos em que seria possível a um chefe de governo receber alguém. De boa aparência e amigável, o jovem Carlo rapidamente conquistou sua amizade. Letizia, pelos padrões de Corte, era uma dama sofisticada e bem-vestida, e sua beleza e personalidade forte significavam que, ao lado de sua irmã Geltruda Paravicini, ela era uma integrante bem-vinda do séquito de Paoli.

Paoli admitiu para Boswell que depositava grande confiança na Providência. Juntamente com os elogios que chegavam de várias partes da Europa, isto o colocou num estado de complacência. Acreditava que os britânicos, que tinham se interessado anteriormente em apoiar a causa corsa e que estavam agora fascinados com *Um relato sobre a Córsega* de Boswell, viriam em seu auxílio caso ele fosse ameaçado. Pelo mesmo motivo, a França não podia admitir a possibilidade que uma ilha estrategicamente importante caísse nas mãos de uma potência hostil. Ainda sofrendo com a perda de territórios para a Grã-Bretanha durante a recém-encerrada Guerra dos Sete anos, o orgulho ferido francês iria se beneficiar do bálsamo de um ganho colonial. Gênova tinha desistido da Córsega e devia muito dinheiro à França. Pelo Tratado de Versalhes de maio de 1768, Gênova cedeu a ilha à França, até que se resolvesse o pagamento da dívida. Tropas francesas saíram de suas bases na costa para impor a autoridade do rei Luís XV.<sup>7</sup>

Paoli conclamou o povo às armas, mas era uma causa perdida, ainda que os homens do planalto tenham resistido duramente, causando baixas pesadas no exército francês. Carlo estava do lado de Paoli durante a batalha decisiva em Ponte-Novo, em 8 de maio de 1769, mas não tomou parte no combate; Paoli se manteve a cerca de três quilômetros de distância enquanto seus homens eram derrotados por forças francesas de poder superior sob o comando do conde de Vaux. Paoli fugiu pelas montanhas para Porto Vecchio, de onde duas fragatas britânicas o levaram com um punhado de apoiadores para o exílio na Inglaterra.<sup>8</sup>

Carlo Buonaparte não estava entre eles. Segundo a lenda familiar, Paoli insistiu que ele ficasse para trás na Córsega, mas o mais provável é que Carlo tenha tomado a decisão por conta própria. A ilha tinha sido sujeitada a uma sucessão de regimes ao longo dos séculos, e para seus habitantes a família vinha muito antes da lealdade a qualquer causa. Embora Carlo e seu tio Napoleone tivessem servido a Paoli, seu outro tio Luciano tinha permanecido em Ajácio sob domínio francês, onde jurou fidelidade ao rei da França, como fez a maioria dos notáveis das cidades costeiras. Sem se deixar perturbar pela causa da independência, Letizia estava escrevendo para seu avô Giuseppe Maria Pietrasanta, na Bastia dominada pelos franceses, pedindo que ele enviasse carregamentos de seda de Lyon e vestidos novos adequados para uma mulher da nobreza.<sup>9</sup>

“Fui um bom patriota e um paolista em meu coração enquanto durou o governo”, Carlo escreveu. “Esse governo, porém, deixou de existir. Nós nos tornamos franceses. *Eviva il Re e suo governo.*” Tendo se submetido a Vaux, voltou para Ajácio. No caminho para casa, passando pelas montanhas, Carlo quase perdeu a esposa e o filho que ela carregava no ventre quando sua mula tropeçou na torrente do rio Liamone.<sup>10</sup>

A criança nasceu na noite de 15 de agosto de 1769, e seu nome foi escolhido em homenagem ao tio-avô Napoleone, que morrera dois anos antes. O nome não figurava no calendário litúrgico como pertencendo a um santo, mas não era incomum em Gênova e na Córsega, onde às vezes era grafado como Nabullione ou até mesmo como Lapullione, e tinha sido dado a vários membros da família no passado. O menino só seria batizado em julho, quando seu pai já havia conseguido se recolocar com considerável habilidade.<sup>11</sup>

Como a carreira legal era a chave para obter um posto no governo em qualquer regime, Carlo partiu para Pisa a fim de obter as qualificações necessárias. “Ninguém poderá ter ideia da facilidade com que se concede o título de doutor aqui”, escreveu um viajante francês da época sobre a universidade de Pisa. “Todos na localidade têm tal título, incluindo os donos de pousadas e os responsáveis pelos correios.” Carlo apresentou uma tese escrita às pressas com a qual obteve um doutorado, e em seis semanas estava de volta a Ajácio, onde não lhe faltou trabalho.<sup>12</sup>

Com uma população de 3.907 pessoas, segundo o censo francês de 1770, Ajácio era a segunda maior cidade da Córsega, porém tratava-se basicamente de uma vila tediosa e fétida. Quando ali em visita mais de meio século depois,

Balzac ficou espantado com a “incrível indolência” que permeava o local, com os homens nativos vagando e fumando o dia inteiro. Ajácio consistia de uma minúscula cidadela no promontório defendendo o porto, e por trás dela uma cidade murada de não mais de 250 metros em qualquer direção, agrupada em torno de três ruas que irradiavam a partir de um centro e que eram cruzadas por outras três ruas menores, com um belo passeio público e uma praça chamada Olmo, em homenagem a uma grande árvore que crescia ali. Dentro dos muros havia uma catedral cujo telhado caiu em 1771 e ficou sem reparos por vinte anos; era impossível usar a igreja no verão devido ao fedor que emanava dos cadáveres enterrados sob o piso. Também havia um colégio jesuíta e uma residência oficial do governador, escondida em meio a uma variedade de casas feias alinhadas ao longo de ruas estreitas ladeadas por pequenas lojas cujas mercadorias transbordavam para a via pública. O cheiro de peixe que vinha do porto se misturava com o dos couros colocados para curtir pelos açougueiros que cortavam carcaças de animais na rua e com o fedor do fosso da cidadela. Do lado de fora dos muros havia um convento, um hospital, uma instalação militar e um seminário, e, ao longo da estrada que levava para a cidade vinda do norte, um aglomerado de casas conhecidas como Borgo, onde moravam os habitantes mais pobres.<sup>13</sup>

A cidade era dominada por famílias como os Ponte, os Pozzo di Borgo, Bacciochi e os Peraldi, e por uma oligarquia de notários, advogados e clérigos com conexões “nobres” como os Buonaparte. Essa sociedade era complementada pelos magistrados, pelo juiz, pelas autoridades e outros funcionários públicos do governo francês. As casas do lado de dentro dos muros eram em geral divididas entre múltiplos proprietários, como a dos Buonaparte, e, como todos os seus habitantes eram aparentados entre si por sangue ou casamento, a área como um todo era um aglomerado familiar conectado por um emaranhado de laços. Os advogados de Ajácio, entre os quais Carlo, prosperavam com as rixas derivadas das disputas pelo espaço restrito e pela escassez de recursos. O próprio Carlo esteve envolvido por anos numa disputa legal relacionada a um equipamento usado na fabricação de vinho e uns poucos barris com vazamentos. Em um caso, trabalhou para um cliente que disputava um lenço. Havia muito trabalho, mas a remuneração não era suficiente nem compatível com as ambições de Carlo. Com base em seu doutorado, em 1771, obteve um posto de pouca relevância no tribunal de Ajácio, mas seus objetivos eram maiores.<sup>14</sup>

Ele não havia perdido tempo em tentar cair nas graças do governante militar designado pela França para a parte sudoeste da ilha, o conde de Narbonne. Ao ser ludibriado, ofereceu seus serviços para o superior de Narbonne em Bastia. Charles Louis, conde de Marbeuf, precisava de um grupo de apoiadores entre os notáveis de Ajácio, e os Buonaparte estavam na situação ideal para oferecer esse apoio. A colaboração entre eles foi tão boa que Carlo se sentiu com coragem para convidar Marbeuf para batizar seu filho Napoleone, em 21 de julho de 1771, o que foi aceito. Marbeuf não pôde ir ao evento, por isso mandou um aristocrata genovês, Lorenzo Giubega, mais tarde tenente real em Ajácio, para representá-lo. Marbeuf acabou indo a Ajácio menos de um mês depois para as festividades da Assunção e para o segundo aniversário do pequeno Napoleão, em 15 de agosto. Ficou tão impressionado com a beleza da mãe da criança que insistiu que ela segurasse seu braço na *passeggiata* da tarde pelo Olmo, e, depois de levá-la para casa, ficou por lá até uma da manhã. As ambições de Carlo alçaram voo.<sup>15</sup>

A França tinha interesse na Córsega tanto por sua importância estratégica quanto por seu potencial econômico. A ilha recebeu status de província semiautônoma do reino, e as autoridades francesas trataram de organizá-la. Uma pesquisa revelou ao governo francês o caráter idiossincrático da sociedade corsa, com sua ampla base de proprietários rurais e sua infinidade de leis e obrigações relativas a caça, coleta e pesca. Esses fatores dificultariam a racionalização, ao passo que o igualitarismo que tanto encantou Boswell e Rousseau impedia não apenas o progresso como também o estabelecimento de uma hierarquia necessária para um controle político bem-sucedido. Uma das primeiras ações do novo regime francês foi corrigir isso reconhecendo como nobres a maioria das famílias mais destacadas. Em grande medida graças à utilidade de Carlo e aos encantos de sua esposa, os Buonaparte foram incluídos. “Ajácio está tomada de espanto e cheia de inveja com a notícia”, Carlo escreveu ao avô de sua esposa.<sup>16</sup>

A relação com Marbeuf era inestimável. Em 1772, Carlo foi eleito para representar Ajácio na recém-estabelecida Assembleia dos Estados Corsos somente porque Marbeuf interveio para anular a eleição de seu bem-sucedido rival. A intercessão direta do governador também ajudou a resolver uma longa batalha jurídica entre os Buonaparte e seus primos Ornano relativa a um dote que incluía uma parte significativa da casa em que eles moravam. Por meio de uma série de aquisições, escambos e processos jurídicos, Carlo

estenderia suas propriedades ao longo dos anos, tendo como pano de fundo uma série de batalhas entre os vários membros da família que envolvia o uso da escadaria e de outras áreas onde havia conflito de interesses. Esses conflitos ocasionalmente davam origem a episódios de violência, e inevitavelmente terminavam nos tribunais, onde o fato conhecido de que Carlo recebia o apoio de Marbeuf tinha seu peso.<sup>17</sup>

A crescente fortuna de Carlo e o interesse do governador por Letizia deram origem a inveja e fofocas. Marbeuf, viúvo, de fato tinha uma amante oficial em Bastia, uma certa madame Varese, mas, independentemente de quais encantos possuísse, aos cinquenta anos ela já passara de seu auge, ao passo que Letizia ainda era jovem. É difícil ver outra razão que não a amorosa para que ele passasse tempo com uma mulher sem instrução e quarenta anos mais jovem, e ele dava todos os sinais de estar apaixonado por ela. Não há provas de que a relação tivesse caráter sexual, mas em geral acredita-se que sim, e que o filho que ela teve a seguir, Louis, nascido em 1778, fosse dele.<sup>18</sup>

Letizia teve ao todo treze filhos, dos quais três morreram cedo e dois no parto. O primeiro a sobreviver foi Joseph, nascido em 1768, o próximo foi Napoleone, nascido em 1769. Como a mãe não teve condições de amamentá-lo, ele teve uma ama de leite, Camila Carbon Ilari, que passou a gostar dele a ponto de negligenciar o próprio filho. Napoleone e seu irmão mais velho, batizado Joseph mas conhecido como Giuseppe, também eram mimados pelo pai e pela avó Saveria Paravicini, conhecida na família como Minanna. Mas Letizia os mantinha sob controle estrito. Forte, corajosa e de personalidade, Letizia era dotada de bom senso. Ao contrário do resto da família, era religiosa e raramente saía sem ser para ir à igreja. Ela também disciplinava as crianças com rigor, aplicando tapas em todos os filhos, e certa vez deu uma surra em Napoleone que ele lembraria até o fim da vida. Ela exerceu forte influência sobre o filho, e mais tarde ele diria que devia tudo a sua mãe.<sup>19</sup>

Não há provas de que Napoleão tenha frequentado a escola algum dia, embora, de acordo com sua mãe, ele tenha tido aulas numa escola para meninas. Provavelmente aprendeu a ler em casa, sendo ensinado por um padre local, o abade Recco – presumivelmente em latim, e não no dialeto local que todos falavam. Seu tio-avô Luciano, o chefe da família de fato, deve ter encontrado outros professores, já que Napoleone desde cedo demonstrou interesse quase obsessivo pela matemática.<sup>20</sup>

Aparentemente a infância dele foi feliz, passada em grande parte na rua brincando com vários primos, enquanto os verões eram aproveitados nas colinas em Boccognano. A família cresceu com o nascimento de um menino, Luciano, em 1775, e de uma menina, a quarta a ser batizada como Maria-Anna e a primeira a sobreviver, em 1777. Embora a maior parte das anedotas coletadas por seus primeiros biógrafos possa ser desprezada como fatos “lembrados” sob influência da trajetória posterior do menino, há algo que pode ser preservado. Sua mãe lembrava admirada que de todos seus filhos, Napoleone foi “o mais intrépido”. De fato, ele parece ter sido agressivo e irascível, o que o levava a brigas frequentes com o irmão mais velho.<sup>21</sup>

Havia violência em todo o entorno do menino, já que grande parte da população mantinha seu modo de vida desregrado, e, para reprimir a resistência que ainda restava e o banditismo inerente, os franceses aplicavam medidas duríssimas. Colunas volantes esquadriavam o interior queimando casas e plantações e massacrando os rebanhos daqueles que eram suspeitos de rebeldia, torturando-os na roda e pendurando os cadáveres em estradas públicas para servir de advertência. O menino de cinco anos não teria como não vê-los.

Independentemente de seus sentimentos, Carlo havia vinculado o destino da família ao regime francês e a seu representante na Córsega. A fama de corno era um preço pequeno a pagar pelos benefícios trazidos pela proximidade de Marbeuf, que ele usou como degrau em cada passo de sua caminhada. Enquanto Luciano economizava cada centavo e literalmente dormia em cima de seus sacos de dinheiro, Carlo gastava prodigamente, vestindo-se bem para manter as aparências quando comparecia à Assembleia em Bastia ou a outras missões oficiais. Tendo conquistado reconhecimento de seu status de nobre corso, estava determinado a se elevar ao grau de nobre francês, já que somente isso abria portas para carreiras no reino. Estava decidido que seu filho mais velho, Joseph, seguiria carreira na Igreja e que Napoleone iria para o Exército. O sobrinho de Marbeuf era o bispo de Autun, no Leste da França, e Joseph facilmente conseguiu uma vaga no seminário da cidade, com o cargo de subdiácono e um salário.

Conseguir uma colocação para Napoleone seria mais difícil. Em 1776, Carlo fez uma inscrição para tentar uma vaga numa das academias militares reais, porém o menino precisaria de uma bolsa real para pagar por seus

estudos. Essas bolsas eram concedidas a filhos de oficiais e a nobres indigentes, e portanto Carlo teve de comprovar suas credenciais de nobre e apresentar provas de que não possuía recursos. O reconhecimento da nobreza que ele havia conquistado em 1771 se baseava em provas que remontavam a apenas dois séculos, o que não era suficiente. Em 1777, Carlo foi escolhido como um dos deputados que representaria a nobreza da Córsega na corte de Luís XVI, porém ele só seria apresentado ao rei caso pudesse obter provas de uma linhagem mais antiga.

Quando foi a Pisa para conseguir seu doutorado, Carlo ganhou do arcebispo da cidade um documento atestando que seu nascimento lhe garantia o status de “nobre aristocrata da Toscana”. Ele então retornou à Toscana e encontrou um cônego chamado Filipo Buonaparte, que lhe entregou documentos que supostamente o relacionavam à sua própria família, o que poderia fazer com que seu status de nobreza remontasse ao século XIV. Munido com esses papéis, Carlo esperava conseguir reconhecimento na França, e com isso o direito a uma bolsa para Napoleone.<sup>22</sup>

Em 12 de dezembro de 1778, Carlo deixou Ajácio, acompanhado por Letizia e pelos filhos Joseph e Napoleone. No grupo havia ainda dois outros rapazes. Um era o meio-irmão de Letizia, Giuseppe Fesch. Quando o pai de Letizia morreu, pouco depois de seu nascimento, a mãe dela voltou a se casar com um oficial naval suíço a serviço do governo de Gênova e teve um filho. Giuseppe Fesch tinha recebido uma bolsa para estudar para o sacerdócio num seminário em Aix-en-Provence. O outro rapaz era o abade Varese, um primo de Letizia que, como Joseph, havia recebido o posto de subdiácono na catedral de Autun. Eles viajaram de carroça e de mula passando por Bocognano e Corte, onde uma carruagem enviada por Marbeuf esperava para conduzir Letizia de maneira mais confortável pelo restante da viagem até Bastia. Dali, Carlo e os quatro meninos navegaram até Marselha, enquanto Letizia foi para a residência de Marbeuf.<sup>23</sup>

Chegaram a Autun em 30 de dezembro, tendo deixado Fesch em Aix no caminho. Em 1º de janeiro de 1779, Joseph e Napoleone entraram no colégio de Autun, o primeiro para se preparar para o sacerdócio, o segundo para aprender francês. Ele passaria três meses e vinte dias no colégio, cujos trinta internos recebiam lições de padres da Congregação do Oratório. Durante aquele tempo aprenderia francês bem o suficiente para manter uma conversa e escrever uma redação simples, mas ele jamais, nem então nem mais tarde,

aprendeu bem o idioma, e sua gramática e o uso vocabular continuaram ruins. Sua caligrafia nunca se desenvolveu além de garranchos feios.<sup>24</sup>

Carlo seguiu viagem para Paris, onde soube que Napoleone tinha sido considerado apto a receber uma bolsa, desde que se submetesse às provas de nobreza necessárias. Ele ofereceu as tais provas, antes de se unir aos demais deputados corsos para ser apresentado ao rei em Versalhes. Em 9 de março, os três corsos foram admitidos à presença real, fizeram uma profunda reverência e entregaram sua petição ao monarca, que a entregou a um ministro e graciosamente observou-os saírem dali, andando de costas e fazendo repetidas reverências. Eles foram apresentados à rainha, ao delfim e a diversos dignitários, sendo depois levados para passear em torno do parque em uma carruagem e para remar para lá e para cá pelo grande canal antes de receberem permissão para ir embora.<sup>25</sup>

Em 28 de março, o ministro da Guerra, príncipe de Montbarrey, informou oficialmente a Carlo que seu filho havia sido admitido com uma bolsa real na academia militar de Brienne. Como não podia deixar Versalhes, Carlo pediu ao pai de outro garoto que seria transferido de Autun para Brienne que levasse Napoleone para lá. Em 21 de abril, depois de se despedir emocionado de Joseph, Napoleone, aos nove anos, foi iniciar sua carreira militar.<sup>26</sup>